

FUTEBOL, TANGO E
ROMANTISMO
Entrevista com
EDUARDO ARCHETTI

Por
JOSÉ NEVES*
e **NUNO DOMINGOS****

Professor na Universidade de Oslo, Eduardo Archetti é actualmente uma das maiores referências da antropologia em relação aos estudos sobre desporto. Tendo no início da sua carreira académica elegido como campo de estudo preferencial o chamado mundo rural, Archetti desenvolveu nos últimos anos algumas das mais originais análises do desporto e, em particular, do futebol. Procurando levar as questões do corpo para uma área tendencialmente esquecida pela própria antropologia, ele vem problematizando o futebol no quadro dos debates sobre identidades de género e identidades nacionais. É nesta linha que surge uma das suas últimas obras de referência, *Masculinities, Football, Polo and Tango in Argentina* (1999). A América do Sul, da Argentina a Cuba e passando pelo Brasil e pelo Equador, tem sido o continente privilegiado por Archetti, sempre procurando o sentido das transformações que se afirmam na fronteira de conceitos como cultura popular e cultura de massas.

JOSÉ NEVES e NUNO DOMINGOS – *Nos seus trabalhos mais recentes, tem procurado compreender a importância do futebol, do tango e do polo na história da Argentina. Qual a importância de um olhar sobre o passado que procure compreender estas dimensões?*

EDUARDO ARCHETTI – Um dos meus objectivos quando comecei a trabalhar sobre o desporto e a dança foi procurar a importância dos espaços de criatividade cultural em que, desde o começo, encontramos a problematização de origens migratórias, étnicas ou de classe. Se os estudos sobre identidade nacional e nacionalismo se centraram essencialmente nas instituições fundamentais do Estado – como a escola, como todo um sistema cerimonial e ritual que festeja as grandes festas e os eventos nacionais como a Independência –, há espaços de criatividade cultural que em

princípio escapam ao controlo estatal nacional. Áreas como o desporto e a dança são, a meu ver, muito importantes para compreender a América Latina e a Argentina – trata-se de observar a sua entrada nestes espaços de modernidade. Note-se que a dança e os desportos modernos são espaços de modernidade no sentido em que, por um lado, a modernidade constrói uma diferença entre tempo livre e tempo de trabalho e, por outro lado, a modernidade reflecte sobre propriedades do corpo – uma nação não precisa de um corpo são. Além disso, a dança permite-me ver a importância das relações de género, outra dimensão importante para considerar o nacional. E, por fim, é interessante observar que sendo as práticas desportivas importadas, vindas de fora, a ideia da mescla, da criatividade cultural por detrás dos modelos híbridos, permite

* Doutorando em História da Cultura (ISCTE), bolseiro FCT.

** Doutorando em Antropologia (School of Oriental and African Studies, Londres), bolseiro FCT.

reflectir sobre os modelos de hibridação locais, nativos. Trata-se de uma aproximação distinta da aproximação dos teóricos culturais que distinguem a hibridação como algo externo, através de modelos normativos. O que procuro ver é como estes modelos se vão construindo nativamente, como as pessoas reflectem sobre o híbrido, as misturas, as mesclas que afirmam um projecto de ruptura e de descontinuidade com as formas mais puras.

JN e ND – *Trata-se de observar a performance da nação?*

EA – Na história oficial, a nação é construída a partir de suas especificidades culturais. Assiste-se à construção de um passado rural, romântico, construção que se dá paradoxalmente num contexto radicalmente moderno como é o da Argentina, um país muito marcado pelos movimentos de emigração. Ao mesmo tempo que se afirma a perspectiva oficial, uma outra perspectiva se constrói em torno da paixão desportiva que se instala no fim do século XIX e nos inícios do século XX. A partir de então, a Argentina converte-se, na primeira metade do século, numa potência desportiva, participando desde cedo numa série de desportos em que obtém um relativo êxito. As práticas desportivas argentinas consolidam imagens de êxito do país a partir das quais os argentinos se aprendem a ver. Isto dá-se ao mesmo tempo que a Argentina exporta jogadores de futebol e outros *performers* que se movem em circuitos internacionais de desporto, como o boxe, o remo ou o atletismo. A Argentina destaca-se então como país produtor de grandes atletas e isso ocorre paralelamente à criação de uma música muito original, o tango, que se vai instalar no tempo livre dos europeus e

norte-americanos no início do século XX, com uma força que se regista na actualidade.

Constitui-se um espaço de intercâmbio internacional que faz com que o nacional seja contraposto em espaços competitivos. Ao contrário de ideologias nacionais que enfatizam o específico (o que “me” distingue do outro, o que radicalmente “me” distingue), eu diria que o mundo do desporto e da música nos confrontam com um sistema de interacções muito competitivo. Uma nação fechada, virada para dentro, que cultiva o que é próprio, pode no entanto ser vista a partir de fora – pelos outros – em espaços como o desporto e a música. Nesta interacção constrói-se um mundo de expectativas. Essa imagem que parte de fora, que parte dos europeus, constrói uma série de mitos sobre os argentinos e os latino-americanos. No futebol, trata-se do mito da habilidade e da técnica, mito que começa na década de 20, com os triunfos uruguaios nas olimpíadas e no Mundial de 30 e com a emigração em massa de profissionais uruguaios, argentinos e brasileiros para a Europa. A partir da década de 20, estes são os corpos que são vistos. Pela Europa, circulavam os argentinos que eram futebolistas, jogadores de polo com os seus cavalos e ainda os bailarinos. Trata-se de uma mescla entre o aristocrático e o popular.

JN e ND – *O seu trabalho procura então uma reconstrução da história da Argentina ou da América do Sul que rompe com as balizas tradicionais da história política ou mesmo da história económica...*

EA – Absolutamente. Creio que esse foi um espaço pouco explorado e que tem uma enorme importância: o espaço da construção cultural das imagens

nacionais em interacção competitiva. No caso da Argentina ou da América do Sul, é muito importante sublinhar como se afirma um instinto competitivo da periferia ambicionando ganhar ao centro. Isso sucede no desporto, mas também na dança. O tango, como o samba, a rumba, o tcha-tcha-tcha, são bailes que competem no mercado mundial no tempo da emergência do rock, no momento em que os norte-americanos constróem uma série de músicas de dança que exportam mundialmente. Aparece então, também, o jazz. Forma-se um espaço muito competitivo. Encontrar um lugar neste mercado e conseguir uma presença tão contínua é algo que deve ser estudado na complexidade da interacção. Para dar um exemplo curioso a nível do futebol: os jogadores uruguaio começam muito cedo a dirigir-se para o continente europeu e mesmo na década de 50, quando o futebol uruguaio passa por uma crise no contexto do futebol latino-americano, eles continuam a ir para a Europa. Há um lastro, uma inércia sociológica e histórica muito difícil de se desvanecer.

JN e ND – Ainda que a nível das próprias elites das periferias, da elite argentina por exemplo, existem movimentos claros que procuram desprender a imagem da nação da imagem romântica estabelecida naquela interacção internacional. Recordemos, por exemplo, o que sucede com a Argentina na década de 50...

EA – Quando se reflecte o desporto a partir do nacional, procura-se encontrar uma maneira especial de jogar o futebol ou o polo. Forma-se um espaço arbitrário, romântico, de exaltação de uma série de virtudes específicas. Ainda que este processo se construa em competição, ele vai-se alicerçar numa dicotomia em que a

Europa e os estilos britânicos são tidos como paradigmas de um modelo industrial – o robótico, o que se repete, o automático. Isto por contraste com a criatividade, a imprevisibilidade, a ideia do mundo como possibilidades – todo um conjunto de traços que se tornam paradigma da América Latina. Esta dicotomia dá-se num contexto de óbvia modernidade. Porque não se pode eliminar, no desporto como no baile, os elementos de constância, disciplina e repetição – a técnica é repetição. Diria então que a dicotomia entre modernidade e romantismo está presente no seio do próprio moderno. Na modernidade aparecem todas estas hipóteses românticas. Observar este romantismo no desporto e no baile é muito interessante: quando o tango é aceite como uma música quase universal, que se dança em todo o mundo, os europeus e os norte-americanos procuram ver o que ele tem de especificamente argentino. Não são apenas os argentinos que procuram o que é tipicamente argentino, mas também os europeus. Ou seja, a construção e a exageração das diferenças origina-se a nível internacional. A ideia de que as diferenças não são transferíveis em última instância, não são repetíveis, deriva ainda da experiência romântica opondo-se ao modelo da modernidade enquanto universalidade, o modelo em que todo o mundo é convidado a entrar numa certa modernidade. O romantismo exclui porque constrói especificidades marcadas por uma extrema alteridade, sustentando que há certas coisas que não são transferíveis. Eu diria que no desporto e na música se observa esta mesma tensão instalada na modernidade. Esta vive entre um discurso de igualdade dos indivíduos e a presença das nações, essas alteridades extremas.

JN e ND – *No futebol como no tango, assim sendo, não se trata apenas de performatizar a nação, mas sim de construir uma imagem do passado que é promovida pelas elites. Que relação estabeleceria entre um e outro plano?*

EA – O que procurei mostrar nos casos de países da América Latina que estudei com mais atenção – Cuba, Brasil e Argentina – é a confluência entre popular e elite. Contrariamente ao que de algum modo sucede com as elites europeias, que vão tender à recusa do corpo (tudo o que é mental e cerebral é positivo, tudo o que é corporal é negativo) aí não encontramos tão presente a construção racionalista europeia, que promove uma grande ruptura entre o popular – marcado pelo corporal – e a elite. No caso argentino, mais concretamente, há de início uma grande confluência entre a obra de grandes escritores e uma tentativa de reflexão sobre o popular enquanto corpo: Ernesto Sabato, Borges, Cortazar, Manuel Puig, Soriano, são todos intelectuais que reflectem sobre o popular e procuram nele elementos muito importantes para reflectir o nacional. No caso de Borges, trata-se do tango; em Sabato é o tango, mas também o futebol e o automobilismo. Há uma confluência entre o popular e o elitista que faz com que efectivamente encontremos no campo narrativo, em Brasil, em Cuba e na Argentina, autores que pensam o desporto e o baile, como Alejandro Carpenter em Cuba e inúmeros casos no Brasil. Essa confluência é muito importante, por exemplo, no caso do samba brasileiro – ele existe porque uma elite constrói uma narrativa sobre o samba, ainda que ele seja uma criação de baianos que emigram para o Rio de Janeiro.

JN e ND – *Mas a apropriação dos símbolos é idêntica? No caso de Maradona, por exemplo,*

existirá uma representação da elite diferente de uma representação mais popular?

EA – Diria que Maradona é um mito e um símbolo argentino que produz toda uma série de contradições. Em princípio, haveria grande unanimidade entre uma cultura de elite e a cultura popular quanto a esse grande símbolo da cultura argentina do século XX. Acontece que Maradona, como Evita ou Che Guevara, é um ícone anti-burguês. Como estes, Maradona não é exemplo de vida familiar excepcional, não é exemplo de valores cristãos, nem é o testemunho de um grande rigor ou de uma grande disciplina. É um mito que convida à rebelião, ao fracasso, à descontinuidade.

JN e ND – *Como escreveu em tempos, é um “Oráculo Errático”...*

EA – Exactamente, Maradona é um oráculo errático, um oráculo pouco previsível, sem o atributo da predictabilidade. Isto joga novamente toda a tensão entre romantismo e modernidade. A modernidade é previsível e o elemento romântico não é previsível porque tem sempre algo de irracionalidade em si.

JN e ND – *Essa atitude romântica, essa forma de vida, é também uma forma de jogar?*

EA – Será também uma forma de jogar. Maradona não é só um oráculo errático, mas uma espécie de Messias. É como se a nação esperasse uma pessoa que sintetizasse diferentes virtudes que antes estavam dispersas em diferentes corpos. Maradona tinha a força, a habilidade, a técnica, a visão de jogo, a solidariedade, elementos que antes estavam dispersos, mas que com ele se encontraram num só corpo, numa só pessoa. E, para além disso, tinha um espírito competitivo enorme. Ele não queria perder nunca.

Essa síntese converte-o num elemento decisivo. Antes de Maradona, recordávamos os grandes treinadores das equipas argentinas. Com Maradona, eis um jogador que substitui o treinador e que está acima da equipa. Ele, como Garrincha, é um jogador que congela a história.

JN e ND – *As origens sociais de Maradona encontram-se também com o envolvimento social de um clube como o Boca Juniors, tradicionalmente afecto às classes sociais mais desfavorecidas de Buenos Aires...*

EA – Sim, mas Maradona é acima de tudo um produto da escola do Argentinos Juniors. Muitos dos grandes jogadores argentinos vêm dessa escola, uma escola juvenil extraordinária. Daí vieram nomes como Borghi ou, mais recentemente, Redondo e Cambiasso. Maradona chega ao Boca Juniors formado nessa escola. Então já é um jogador formado e o Boca Juniors é o lugar de onde parte para a Europa. A marca que lhe deixa o Boca é muito menor do que a do Argentinos Juniors. Neste clube, sim, encontramos uma grande continuidade de estilos. Maradona traz essa tradição do jogo técnico, do amor ao *dribbling*, da perda de tempo. Porque o *dribbling*, do ponto de vista da modernidade, é uma perda de tempo. Contudo, sucede que Maradona tinha um *dribbling* muito objectivo. Ele sabia que um mau *dribbling* desequilibrava o conjunto da equipa. Por isso, ele manejava o *dribbling* de uma forma muito especial.

JN e ND – *Trata-se na figura de Maradona de um novo projecto de modernidade, uma modernidade romântica?*

EA – Sim, no sentido em que Maradona é alguém que está só contra o resto do

mundo. Jorge Valdano uma vez definiu que jogar com Maradona era maravilhoso porque havia 21 espectadores e um jogador. Dizia que havia momentos em que tanto ele como os adversários quiseram parar para ver as coisas que Maradona era capaz de fazer. Há uma possessão romântica nele, certas qualidades que ele trata de entender numa dimensão religiosa. Na década de 80, quando se transforma num ícone universal, ele começa a pensar-se envolto num misticismo, sentindo-se como um eleito. Ao mesmo tempo, ele assume uma certa missão nacional. Maradona foi o primeiro grande jogador nacionalista. Em certos momentos, até chauvinista.

JN e ND – *Mas, para lá dessa dimensão nacionalista, encontramos em torno de Maradona uma cultura de pobreza localizada na ideia genérica de Sul, de Buenos Aires a Nápoles. Aí há algo mais do que a ideia de nação? Nos anos 80 e 90, por exemplo, no tempo em que se acentua a hegemonia do Norte, o confronto entre as imagens de Maradona e Mathaus, por ocasião das finais do campeonato do Mundo de 1986 e 1990, sugeria-se como uma duelo Sul-Norte...*

EA – Tal dimensão é de facto muito importante. Creio que grande parte do fracasso de Maradona na Catalunha se relaciona com uma quebra de contextos. O contexto catalão confrontou Maradona com o modelo holandês. Trata-se de um modelo criativo, mas que convida à disciplina. O que contraria o modelo um pouco caótico de Maradona. Ou melhor, não se trata de modelos, mas de sujeitos, sujeitos como Maradona ou Romário. Podes construir uma equipa que jogue para eles. Como aconteceu em Nápoles, onde ele encontrou o seu meio natural. Maradona de facto reencontrou aí o seu instinto de classe. Esse instinto de classe

sempre o acompanhou. Ele é um dos grandes jogadores com muito dinheiro que não perderam o instinto de classe. Ele representa o mau gosto das classes populares, a exageração das classes populares, a falta de racionalidade no seu comportamento afectivo e sexual, etc.. Ele confronta a sociedade burguesa argentina com uma série de dilemas – como é possível que aquele que tenha construído o máximo provenha de uma tão grande miséria? Maradona confronta-se regularmente com as contradições de um país que se pensa europeu, culto, de classes médias, refinado.

JN e ND – *Há também uma outra dimensão muito contraditória em Maradona. A sua imagem masculina diverge das tradicionais referências da cultura masculina dominante a Sul. Recordemos, no passado, o longo beijo de Maradona a Cannigia, ao celebrar um golo, ou, ainda, a facilidade das suas lágrimas.*

EA – Creio que Maradona, nas suas características provocadoras, confrontou-nos sempre com a ideia latente da bissexualidade. Essa é uma ideia latente em todo o universo exclusivamente masculino, como é o mundo do futebol. É um mundo efectivamente de homossexualidade, homo-amor, homo-exaltação. Ele teve a virtualidade de expressar isto mesmo daquele modo muito especial.

JN e ND – *O que se passa com as imagens românticas do futebol na Argentina é facilmente comparável ao contexto brasileiro?*

EA – Sim, no sentido em que se trata de opor a criatividade à imagem da Ordem e da disciplina industrial. Contudo, no Brasil acontece que a especificidade do desporto se torna uma forma de integração do negro. Na Argentina, a integração em causa é a do pobre

imigrante do interior que chega às cidades. Se a primeira grande migração que marca a Argentina é a europeia, a segunda é a dos “cabecitas negros”, os que vêm do interior para Buenos Aires. No Brasil, contudo, o que domina é a imagem do negro. Trata-se da imagem de uma fisicalidade pouco pensante do negro, ligada também à imagem da capoeira. No Brasil, há ainda, nos anos 50, a conversão do negro em culpado das derrotas da selecção. Os negros eram os jogadores a quem faltava a “raça”. O negro é incorporado como o criativo, espontâneo, sem raça. Há, porém, na verdade, paralelos que ultrapassam isto mesmo. Note-se, nomeadamente, as semelhanças entre Garrincha e Maradona. Garrincha é o último grande jogador de futebol que vem de uma fábrica e que, como Maradona, expressará uma grande tendência para a autodestruição.

JN e ND – *A propósito da vinda de Garrincha da fábrica para o campo de futebol, é interessante notar como a figura do operário, a norte, foi e é tendencialmente vista por intelectuais e académicos como uma figura cujo sujeito é desprovido de criatividade ou de individualidade, sendo essencialmente definido como um elemento do sistema mecânico de produção. Veja-se, por exemplo, a imagem do estilo inglês de futebol, muito ligado ao universo fabril industrial e sobrevalorizando a dimensão colectiva do jogo. No caso da América do Sul, contudo, nas origens sociais de Maradona ou de Garrincha, encontra-se o espaço de uma individualidade. Aí acaba sendo nas classes mais baixas que descobres um projecto moderno de afirmação do sujeito e construção da singularidade humana?*

EA – O desporto, a dança e a música oferecem possibilidades de mobilidade

individual em que a questão da classe não será tão inibidora e determinante. Aí, o talento individual encontra uma muito maior margem de manobra. Por isso, o desporto é um elemento constitutivo da modernidade. Uma pessoa pode construir a sua biografia vencendo o destino da sua classe. A diferença entre o Sul e o Norte, a este respeito, compreende-se a um nível mais lato. Se pensarmos historicamente as narrativas históricas, tanto no Brasil como na Argentina, percebemos que elas sublinham fortemente a oposição industrial. Na América Latina, no início do século XX, há uma reflexão do mundo latino-americano frente ao mundo anglo-saxónico. É o tempo do arielismo – a partir do livro de Ariel, escritor/ensaísta uruguaio que relaciona as diferenças entre o mundo anglo-saxónico e o latino destacando a afirmação latina de um romantismo que se opõe ao instrumental e ao pragmático. Esta ideologia encontra nos espaços de lazer um lugar muito importante. A alegria do baile e da música são aí directamente relacionadas e mobilizadas.

JN e ND – *Podemos encontrar sinais desse romantismo noutros campos que não no desporto? A nível da ciência, e em particular das ciências sociais, como podemos experimentar uma certa ideia de romantismo?*
EA – Eu penso que a antropologia vive numa tensão entre um elemento romântico e um outro mais universal, científico. O elemento hermenêutico, qualitativo, não quantificável, é um elemento romântico, assim como o é a experiência do trabalho de campo, uma experiência não transferível, não repetível. A antropologia é uma disciplina do meio. Por isso, em alguns países, ela se encontra sediada em faculdades de humanidades e noutros em

faculdades de ciências sociais. Ela é um produto da modernidade na medida em que é seu o intento de entender os outros. A ideia de abarcar o universo é um elemento moderno que vive em tensão com este elemento da ordem do único e do irrepetível, aquilo que não é nem transferível, nem reproduzível. A antropologia confronta-nos com sistemas de conhecimento tão contrapostos como a máfia ou a religião, sistemas que opõem diferentes formas de racionalidade à ciência. Isto pode ser observado na abordagem antropológica do desporto e do baile por contraponto aos estudos de referente sociológico. A contribuição de antropólogos como Roberto da Matta e outros brasileiros é, a este respeito, muito importante na história de antropologia.
JN e ND – *No Brasil, por exemplo, o tropicalismo assumiu-se como uma experiência romântica na procura da desconstrução da palavra e do corpo?*
EA – No tropicalismo, como no tango, trata-se da criação gratuita de dificuldades. Por que criar uma dança tão difícil? Uma dança que é pouco racional, na medida em que é um lazer que requer uma aprendizagem.

JN e ND – *E podemos encontrar sinais desse romantismo também numa esfera política?*
EA – A história das guerrilhas latino-americanas ou a história do Partido dos Trabalhadores no Brasil, especialmente no seu início, contam-nos a história dessa procura por um não haver limites. A racionalidades ensina-nos os limites – temos que encontrar noutros esquemas mentais, cognitivos e culturais, formas que não estão limitadas.

BIBLIOGRAFIA

ARCHETTI, Eduardo, 1999, *Masculinities, Football, Polo and Tango in Argentina*, Berg, Oxford.

NOTA PÓSTUMA:

**Eduardo Archetti, Santagio del Estero
1943 – Oslo 2005**

Há poucos meses atrás, Eduardo Archetti anunciou aos seus amigos portugueses a terrível novidade da sua doença. E tranquilamente pediu que não nos preocupássemos porque ele estava a encarar o desafio como se de uma final do Campeonato do Mundo se tratasse – estava disposto a lutar até ao último minuto ainda que não esperando pelo auxílio da célebre “Mão de Deus” com que, em 1986, no México, Diego Armando Maradona derrotou a selecção inglesa de futebol. E todavia, no início de Junho, Archetti faleceu em Oslo, onde vivia, leccionava e investigava há cerca de 30 anos.

Em conclusão, deixou o seu projecto de estudo comparativo dos lugares da dança e da música em Cuba, na Argentina e no Brasil. No começo, deixou o seu projecto de estudo da cultura do vinho na Argentina, projecto sugestivamente intitulado “A Argentina é Malbec”. Para sempre deixou uma vastíssima obra onde a nação e as culturas populares foram pensadas enquanto performance corporal, levando-nos da gastronomia até ao futebol. E já para amanhã fica a lembrança da sua imediata sensibilidade romântica, manifesta tanto no conceituadíssimo antropólogo que foi como na imensa vida que ele viveu. A ela, por isto como pelo resto que não chegámos a conhecer, ergam-se as taças cheias com o vinho.